

## O vírus do morcego: *fake news* e estereotipagem dos hábitos alimentares chineses no contexto da Covid-19

*The bat virus: fake news and stereotyping of Chinese eating habits in the context of Covid-19*

Igor Sacramento<sup>a</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1509-4778>

Ana Carolina Pontalti Monari<sup>b</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7474-7903>

Xuewu Chen<sup>c</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7595-072X>

Recebido em: 24/08/2020. Aceito em: 29/09/2020.

### Resumo

Este artigo analisa a representação dos hábitos alimentares chineses no contexto da Covid-19 a partir das checagens do *Saúde Sem Fake News*. Realizando uma análise de discurso crítica, argumentamos que o conflito de alteridade entre ocidentais e orientais cria o estereótipo do chinês “maluco”, que come animais silvestres, e que é, por isso, responsável pelo novo coronavírus. Concluímos que é feita por meio das *fake news* a construção da ideia de um “vírus chinês”, sendo este uma estratégia de guerrilha biológica promovida pela China para uma possível conquista do mundo.

**Palavras-chave:** Estereótipo. Covid-19. *Fake news*.

### Abstract

This article analyzes the representation of Chinese eating habits in the context of Covid-19 by the *Saúde Sem Fake News* checks. Doing a critical discourse analysis, we argue that the otherness conflict between Westerners and Easterners creates the stereotype of “crazy” Chinese, that eats wild animals and, because of that, is responsible by the new coronavirus. We conclude that the idea of a “Chinese virus” is constructed through fake news, which is a biological guerilla strategy promoted by China for a possible conquest of the World.

**Keywords:** Stereotype. Covid-19. *Fake news*.

<sup>a</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e Fundação Oswaldo Cruz/Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde. E-mail: [igorsacramento@gmail.com](mailto:igorsacramento@gmail.com)

<sup>b</sup> Fundação Oswaldo Cruz/Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde. E-mail: [capmonari@gmail.com](mailto:capmonari@gmail.com)

<sup>c</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro/Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. E-mail: [79636979@qq.com](mailto:79636979@qq.com)

## Introdução

A estereotipagem envolve a representação e a avaliação de indivíduos e grupos de maneiras que ratificam e endossam relações sociais desiguais. Trata-se de um processo de afirmação e produção da crença de que um certo conjunto de representações busca formar uma essência fixa e imóvel daqueles que são estereotipados ("eles"), em favor das diferenciações e imagens praticadas por aqueles que representam ("nós"). Como entendeu Michel Pickering (2001), os estereótipos buscam diminuir a posição social daqueles que são representados, reduzindo-os a um atributo ou a uma disposição particular que os rebaixa ou os confina à realização apenas em associação com esse atributo ou disposição. Esse processo atua como um mecanismo de diferenciação, distanciamento e poder, separando radicalmente os estereotipados daqueles entre os quais os estereótipos circulam e se reproduzem.

A estereotipagem sempre ocorre em articulação ao sistema de crença e ao status quo vigente no grupo social representante, assim como dentro das relações de poder e saber entre os grupos envolvidos na representação. Essa relação contrastiva ("nós" x "eles"), própria da estereotipagem, diz muito mais sobre o representante do que sobre o representado, uma vez que o mecanismo de constituição do "outro" como inferior ou primitivo é parte de um processo de construção de identidade pela diferença (HALL, 2000). Como Richard Dyer (1993, p. 14) expôs, "a efetividade do estereótipo reside na forma em que eles invocam um consenso". No entanto, a produção do consenso é histórica e não dada, uma vez que envolve um sistema de inclusão e de exclusão que busca construir um "policiamento das fronteiras" entre um "nós" e um "eles" (ROSELLO, 1998, p. 15).

Na estereotipagem baseada na etnia, a forma de construção da alteridade envolve não apenas reforçar o senso de superioridade daqueles entre os quais o estereótipo circula, mas atuar como um meio de validar elementos de uma hierarquia proposta ou existente. Qualquer grupo étnico atribuído a um estereótipo é então percebido principalmente, senão unicamente, por meio da alegada característica que é considerada definitiva de quem é e do que faz. Sua identidade e conduta são vistas como a consequência natural - e, portanto, necessária e imutável - daquele elemento-chave. Essa é a falácia do essencialismo, que reduz o grupo étnico ao atributo alegado como necessário à categoria com a qual está identificada. Desse modo, os estereótipos (re)produzem noções de outros como radicalmente diferentes daqueles responsáveis por circular e atribuir credibilidade aos estereótipos.

No contexto da pandemia da Covid-19, começou a ser difundido um conjunto de informações pela internet que associavam o vírus aos hábitos alimentares chineses, especialmente ao consumo de "sopa de morcegos". Nesse aspecto, a internet se tornou um meio indispensável para a disseminação de conteúdo potencialmente prejudicial e perturbador, como a disseminação de teorias da conspiração e discurso odioso para grupos étnicos específicos, em particular para os chineses, uma vez que se acredita que a Covid-19 não só tenha se originado na China, mas seja, por um lado, resultado dos hábitos alimentares alegadamente primitivos ou

selvagens dos chineses, seja, por outro, parte de uma estratégia de guerrilha biológica como forma de conquista geopolítica (ROBERTO; JOHNSON; RAUHAUS, 2020).

Essa ideia do “vírus chinês” encontra ressonância entre políticos, principalmente os ultraconservadores. Durante o governo de Jair Bolsonaro foram recorrentes as alegações de que o vírus Sars-CoV-2 era não só de origem dos hábitos alimentares chineses “primitivos” ou “selvagens”, como também a pandemia era promovida pela China como uma forma de guerra biológica pela disputa por poder mundial. Declarações do então ministro da Educação Abraham Weintraub<sup>1</sup> e do filho do presidente Eduardo Bolsonaro<sup>2</sup> ilustram essa situação.

Seus comentários seguem a tendência do bolsonarismo em reforçar a alegação do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre o Sars-CoV-2 ser um “vírus chinês”, responsabilizando o país pela criação ou disseminação do vírus, pela falta de transparência, pelo controle da informação, pela falta de cooperação internacional e pela presença de interesses escusos em promover o caos no mundo. A fala de Trump acirra um processo de ideologização da pandemia, transformando a crise sanitária em uma questão de ser de direita ou esquerda, de ser conservador ou comunista<sup>3</sup>. Diante deste cenário, as *fake news*, portanto, reforçam essa posição político-ideológica.

No dia seguinte à postagem de Trump no *Twitter*, em 19 de março de 2020, Michael Ryans, chefe de operações da Organização Mundial da Saúde (OMS), disse que não seria uma "boa ideia" criar um "perfil étnico do vírus", o que poderia levar à xenofobia e discriminação.<sup>4</sup> Trump afirmara que sua declaração não era racista, mas se referia tanto à falta de transparência e acesso à informação por parte da China quanto ao fato de aquele país estar buscando se beneficiar político-economicamente da disseminação do novo vírus pelo mundo.

Este artigo tem como objetivo principal analisar a representação dos hábitos alimentares dos chineses no contexto da Covid-19 a partir das checagens de informações sobre o assunto publicadas pela agência *Saúde Sem Fake News*. Neste cenário, interessa-nos compreender a dimensão da construção do estereótipo do povo chinês no imaginário brasileiro num momento marcado pela circulação do negacionismo da ciência e do anticomunismo mobilizado no âmbito do bolsonarismo.

---

<sup>1</sup> G1. Weintraub publica insinuações contra China, depois apaga; embaixada cobra retratação. Disponível em: <https://glo.bo/3aPDJPo>. Acesso em: 23 ago. 2020.

<sup>2</sup> G1. Eduardo Bolsonaro culpa China por coronavírus e gera crise diplomática. Disponível em: <https://glo.bo/3gx4xW9>. Acesso em: 23 ago. 2020.

<sup>3</sup> NEW YORK TIMES. Trump defends using a ‘Chinese Virus’ label, ignoring growing criticism. Disponível em: <https://nyti.ms/3hqGdWW>. Acesso em: 21 ago. 2020.

<sup>4</sup> UOL. OMS critica autoridades que culpam China pela proliferação do vírus. Disponível em: <https://bit.ly/2CRKwLU>. Acesso em: 23 ago. 2020.

## Abordagem metodológica

Compreendendo que o risco é uma característica fundamental da modernidade (BECK, 2010) e que há uma perda de credibilidade e confiança nos sistemas peritos (GIDDENS, 1991), especialmente a ciência, a política e o jornalismo, propomos analisar as checagens de *fake news* realizadas pelo *Saúde Sem Fake News*. Nossa escolha por essa instituição se deve ao fato de ser o canal público de informações do Ministério da Saúde.

Para verificar como foi feita a construção da alteridade e quais são os processos que caracterizam o conflito do “nós” e “eles”, coletamos todas as 95 checagens realizadas pela agência entre janeiro e março de 2020 - momento que compreende o início da desinformação sobre o novo coronavírus no Brasil até o mês em que a OMS declara a pandemia da Covid-19 - e submetemos as publicações à análise de conteúdo (BARDIN, 2016), por meio da técnica temática, selecionando apenas as 13 mensagens que abordavam as palavras “coronavírus” e “Covid-19” e que tivessem “China” no título e/ou conteúdo.

Estas, posteriormente, foram reagrupadas e novamente categorizadas nos temas “hábitos alimentares” (2 inserções), “teorias da conspiração” (5 inserções), “governo chinês” (3 inserções), “pesquisadores/médicos chineses” (3 inserções), “animais” (2 inserções) e “curas milagrosas” (3 inserções) – é importante frisar que uma mesma mensagem poderia ser alocada em mais de uma categoria e que todas tiveram as contagens de suas respectivas aparições (técnica frequencial). Consideramos para a investigação deste artigo, no entanto, somente o agrupamento “hábitos alimentares”, devido ao recorte proposto pelo objetivo.

Em relação à metodologia desta segunda etapa, teremos como foco o risco em saúde como marcador racial (SACRAMENTO; MACHADO, 2015) e a racialização do vírus (MASON, 2015) presentes nessas *fake news*. Para isso, partimos das seguintes questões: quais são as estratégias discursivas utilizadas para responsabilizar o povo chinês pelo novo coronavírus? De que maneira os hábitos alimentares dos chineses desencadearam o conflito entre o “nós” (brasileiros e, sobretudo, ocidentais) e o “eles” (chineses e, especialmente, orientais)? Como a construção da ideia de “vírus chinês” aparece nesses enunciados?

Nossa investigação também está orientada pela análise de discurso crítica proposta por Teun Van Dijk (2008, p. 12), que não estuda o discurso como um "objeto verbal autônomo", senão como "uma interação situada, como uma prática social ou como um tipo de comunicação numa situação social, cultural, histórica ou política". Em termos ideológicos, o esquema de polarização que define a oposição entre "nós" e "eles" sugere que os grupos sociais construídos são apresentados positivamente como "nós" e negativamente como "eles". Desse modo, o enquadramento ideológico da autorrepresentação positiva em detrimento da representação negativa do outro é parte de uma estratégia de lidar com a diferença na afirmação da identidade.

Em termos analíticos, buscaremos analisar a transitividade, a modalização e a retoricidade. A estrutura de transitividade compreende os padrões de processos (verbos), participantes (nomes) e circunstâncias (frases preposicionais e verbos) que sinalizam o

significado no nível do conteúdo da mensagem. O sistema de transitividade constrói o mundo da experiência em um grupo gerenciável de processos, participantes e circunstâncias. Já o grau de poder, contato e afeto entre os participantes é realizado léxico-gramaticalmente por meio da modalização. A organização do enunciado como interação fornece informações sobre o caráter da troca e o grau de probabilidade e inclinação que o apresentador da informação atribui às proposições. O sistema de modalidades expressa a posição do locutor/escritor em relação ao conteúdo apresentado. A modalização apresenta a probabilidade, frequência ou experimentalidade das informações apresentadas. A modulação exprime a obrigação, necessidade ou atitude da proposição. A estrutura da modalização inclui padrões como o tipo de enunciado utilizado (afirmativo, interrogativo, negativo, imperativo) e a polaridade (expressão da atitude negativa ou positiva). Por fim, outra parte da análise, no nível semântico do discurso, inclui recursos organizacionais não estruturais, como relações lexicais, usos de referência e a estrutura retórica do texto (as configurações e as estratégias argumentativas com finalidades persuasivas e expositivas).

### “Sim, saiu da sopa de morcego”

Conforme abordado em outro momento (MONARI; BERTOLLI FILHO, 2019), o *Saúde Sem Fake News* é o canal de informações do Ministério da Saúde que tem como objetivo o combate à desinformação sobre saúde<sup>5</sup>. De janeiro a março de 2020, a plataforma publicou 95 checagens sobre diversos assuntos, tais como o uso de vitamina D, cura do câncer, ingestão de determinados alimentos e as primeiras ocorrências sobre o novo coronavírus. Nesse mesmo período, foram feitas 13 checagens que abordavam a relação entre China e a Covid-19 e duas dessas faziam alusão aos hábitos alimentares chineses. São elas: “Dados sobre coronavírus não divulgados e os hábitos alimentares chineses” (29/01/2020) e “Sopa de morcego” (29/01/2020).

“Dados sobre coronavírus não divulgados e os hábitos alimentares chineses” corresponde a uma mensagem que circulou pelo *WhatsApp* (Figura 1). É um texto com diversas informações, tais como supostos “segredos” do governo chinês e a noção de que o número de casos da Covid-19 seria maior que o divulgado pelo próprio governo e pela mídia no Brasil. É interessante notar o uso de palavras de baixo calão, a reprodução de um discurso anti-institucional e a propagação da ideia de que o conteúdo traria a “verdade” que não é conhecida por grande parte da população.

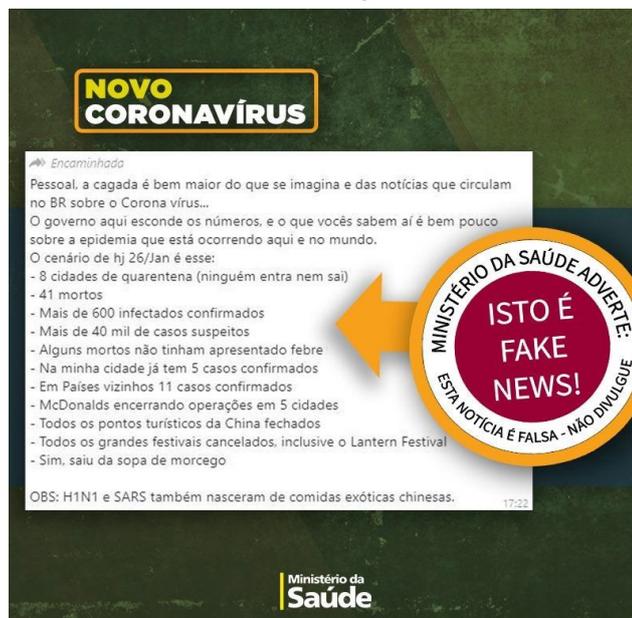
O trecho “O governo aqui esconde os números” remete aos mesmos princípios adotados pelas teorias da conspiração. Segundo Silva (2010) e Albuquerque e Quinan (2019), o termo refere-se às tentativas de explicações alternativas daquelas disseminadas oficialmente pela imprensa, ciência ou governos e parte fundamental de sua lógica é a negação de interpretações

---

<sup>5</sup> SAÚDE SEM FAKE NEWS. Termo de uso. Disponível em: <https://bit.ly/32IR6mx>. Acesso em: 14 ago. 2020.

da realidade baseada em evidências e métodos científicos. Nesse caso específico, a enunciação traz uma recusa em aceitar os fatos veiculados pela mídia brasileira sobre a nova doença e isso fica evidente na passagem “[...] e o que vocês sabem aí é bem pouco sobre a epidemia que está ocorrendo aqui e no mundo”.

Figura 1 - “Dados sobre coronavírus não divulgados e os hábitos alimentares chineses”.



Fonte: Saúde Sem Fake News (2020).

No último parágrafo do texto há a frase preposicional “Sim, saiu da sopa de morcego” fazendo uma alusão do prato ao surgimento do novo coronavírus. É o primeiro momento que o interlocutor (cuja origem não sabemos) dá indícios de uma responsabilização do povo chinês perante à pandemia. Essa frase preposicional tem um caráter duplo no texto: constrói a ideia de pertencimento e de origem do vírus ("saiu da sopa de morcego"), mas também é afirmativa ("sim"). Desse modo, está dialogicamente se relacionando não só com o conjunto de frases arroladas pela lista, mas também com uma série de informações circulantes sobre a origem da disseminação do vírus pelo consumo de animais silvestres como os morcegos.

A estrutura de modalização é afirmativa, mas também conta com um sujeito oculto. Essa ocultação deixa para o leitor a completude do sentido pretendido. Nesse caso, era a alegação de que a origem e a ameaça eram chinesas. A pressuposição da China está na estrutura retórica da lista. Algumas frases antes, temos a seguinte sequência: "Todos os pontos turísticos na China estão fechados", "Todos os grandes festivais cancelados, inclusive o Lantern Festival" e, finalmente, "Sim, saiu da sopa de morcego". Essa sequência de fatos - que podem ter comprovação na realidade - se junta a outros que são especulativos e não contam com evidências científicas: de que a disseminação do vírus tenha a ver com o hábito de se alimentar de animais silvestres. Essa estrutura argumentativa - de abertura - induz a uma polaridade:

"eles" (os chineses, algozes, por meio de seus hábitos) trouxeram o vírus para "nós" (vítimas de um comportamento alimentar que não temos).

Silvio Waisbord (2018) define *fake news* como conteúdos com estilo jornalístico, porém com a intenção deliberada de desinformar. É válido salientar que informações falsas sempre existiram na história da humanidade, desde a Grécia Antiga até a propaganda nazista de Hitler, mas a internet proporcionou maior velocidade, escala e massiva proliferação e consumo desses materiais disseminados, sobretudo, em plataformas digitais como o *Facebook* e o *Twitter*.

Cada vez mais – e a internet tem fundamental importância nisso – circulam informações e práticas discursivas que concorrem com as oficiais, ao se autoproclamarem como portadoras da “verdadeira verdade” (que não seria necessariamente a oficial), mas estaria sendo escondida pela ciência e pelo jornalismo. Então, parece caber aos próprios cidadãos a busca por essa verdade mais verdadeira (SACRAMENTO; PAIVA, 2020). Esse é um pressuposto fundamental da disseminação de informações sobre saúde na internet, mas também na construção de teorias conspiratórias. Tais práticas participam de um processo de generalização da desconfiança com as instituições, sobretudo as estatais. Há também uma disposição cada vez maior em se acreditar menos num discurso baseado em evidências e métodos científicos do que naqueles que se baseiam na experiência (PENNYCOOK; RAND, 2019).

Outro aspecto é a manutenção de uma relação mais unidirecional, não muito interativa, com a população. O *WhatsApp* deveria ser usado apenas para averiguar se determinadas notícias e informações eram verdadeiras ou não, procurando, assim, manter no Ministério da Saúde o papel de autenticar as informações. Desse modo, ao reconhecer a necessidade de esclarecimento à população num contexto de crise de informação, a iniciativa do Ministério também buscou reafirmar seu próprio papel. Afinal, a internet e as redes sociais on-line, particularmente, contribuíram para conferir novas materialidades e visibilidades ao “se ouviu por aí”, ao “se ouviu dizer” e ao “dizem por aí”, fazendo “despontar sentidos de outra maneira silenciados, porém agora compartilhados entre os interlocutores na tentativa de formar coletivamente entendimentos sobre aquelas situações em que as certezas são escassas” (GARCIA, 2017, p. 213).

Essa construção de uma possível relação entre o aparecimento de vírus e práticas alimentares chinesas já tinha sido apresentada durante a epidemia de SARS em 2002. De acordo com Mason (2015), os ocidentais presumiram que o surto teria ocorrido pela produção, venda e ingestão de animais que são estranhos aos seus padrões nutricionais. Ela ainda explica que a mídia sensacionalista americana teria chamado esse consumo de exótico e reproduzido imagens de corpos racializados com descrições da doença e vídeos de pratos com animais não encontrados nos Estados Unidos. É válido ressaltar que a própria autora afirma que a compra/deglutição desse tipo de iguaria é bem recente e não está realmente ligada à tradição da população chinesa, algo que era constantemente reforçado pela mídia ocidental.

O entendimento de que outras enfermidades poderiam ter surgido a partir das preferências alimentares do povo chinês fica evidente na nota de rodapé da *fake news*. Nesta

frase preposicional “OBS: H1N1 e SARS também nasceram de comidas exóticas chinesas”, o conteúdo oferece a alusão de que essas duas doenças teriam surgido na China, o que não é verdade, uma vez o H1N1 apareceu pela primeira vez no México em 2009 (MASON, 2015).

A construção da ideia de um “vírus chinês” e de uma suposta responsabilização por todas as últimas epidemias expõe o conflito entre o “nós” (brasileiros/ocidentais) e o “eles” (chineses/orientais) e traz uma tentativa de controle social, em que os estereótipos - pessoas que têm hábitos alimentares distintos do padrão ocidental, sobretudo, americano - demarcam fronteiras simbólicas entre o “normal” e o “anormal”, o integrante e o desviante, o saudável e o patológico e o cidadão e o estrangeiro (SACRAMENTO; MACHADO, 2015).

Segundo Stuart Hall (2016, p. 100), primeiramente, o próprio discurso produz “sujeitos” – figuras que personificam formas particulares de conhecimentos que o discurso produz em determinado contexto histórico e cultural, tais como homem louco, mulher histérica, homossexual e criminoso individualizado, entre outras. Segundamente, o discurso também produz um lugar para o sujeito, isto é, a posição a ser ocupada pelo sujeito para que o discurso faça sentido. É a partir dessa posição que os significados e conhecimentos particulares do sujeito podem ser compreendidos.

Esse reforço de estereótipo fica evidente na segunda checagem publicada pelo *Saúde Sem Fake News*. Com o título “Sopa de Morcego”, o conteúdo explora o recurso imagético com a composição de três fotos que exploram o exotismo e a aversão. Na colagem, há as figuras de uma jovem oriental comendo um morcego, de um morcego aparentemente sendo servido em um prato e do mesmo animal mergulhado em um caldo de sopa. As fotos estão acompanhadas do texto “ME AJUDA AÍ PÔ! Sopa de morcego pode ter disseminado coronavírus na China. Na preparação da sopa, o morcego é cozido inteiro, com a barriga aberta. FORA OUTROS TRECOS QUE COMEM. QUE POVO MALUCO”. (Figura 2).

Figura 2 - “Sopa de morcego” (29/01/2020).



Fonte: Saúde Sem Fake News (2020).

A peça explora o estereótipo de “povo maluco” em diversos momentos, expondo, novamente, o conflito entre o “nós” e o “eles”. A construção discursiva “FORA OUTROS TRECOS QUE COMEM. QUE POVO MALUCO” dá a ideia ao leitor de que os orientais possuem hábitos alimentares que seriam bem distintos dos ocidentais e que seus pratos seriam “malucos”. Em termos de transitividade, a definição de “povo maluco” diz sobre a construção de um universo de referência marcado pelo estranhamento, reforçado pela frase “fora outros trecos que comem”. Já em termos de modalização se coloca que a apreciação do morcego se dá por inteiro, com a barriga aberta, buscando promover no interlocutor uma imagem que leva a nojo e asco. Em termos de retoricidade, a demonstração pela imagem da jovem comendo a sopa atesta o hábito alimentar e, com isso, a origem da disseminação do vírus.

A noção de maluco está, por um lado, associada ao outro na normalidade, na racionalidade, no esclarecimento, o que leva a ideia sub-reptícia de que aquele hábito era resultado de um primitivismo. Assim, o “primitivo” é uma categoria dialógica, muitas vezes explicitamente uma função do “moderno”. A palavra “primitivo” se refere a alguém ou algo menos complexo, ou menos avançado, do que a pessoa ou coisa com a qual está sendo comparado. É convencionalmente definido em termos negativos, como falta de elementos, tais como organização, higiene e refinamento. Na cultura, isso significa uma deficiência nessas qualidades que têm sido usados historicamente no Ocidente como indicações de civilização. O fato de que o primitivo estado de ser é comparativo é enormemente importante para obter uma compreensão do conceito, mas também é o reconhecimento de que é nenhum mero fato da natureza. Baseados nos conceitos defendidos por Hall (2016), podemos dizer que a representação do povo chinês como “povo maluco” também dá um efeito de poder de superioridade aos sujeitos ocidentais que degeneram os orientais como formas de legitimar uma pretensa hierarquia e desigualdade social. Dessa forma, ao dizer que as comidas ingeridas por certos chineses são “esquisitas”, os brasileiros autenticam que seus pratos e sua culinária seriam de qualidades melhores, ou, sobretudo mais corretas, porque mais alegadamente normais.

O posicionamento do canal de informações do Ministério da Saúde merece ser mencionado. Tanto na primeira quanto na segunda checagem eles começam o enunciado dizendo que a notícia é falsa: “Olá! Não compartilhe essa mensagem, ela é falsa” – há também um selo para reforçar esse dado. Em ambos os casos, eles recorrem à OMS para trazer informações sobre o número de casos de pessoas infectadas com o vírus na China, bem como sobre o fato de não existir nenhuma comprovação científica de que sopa de morcego seja a responsável pela disseminação do Sars-CoV-2.

A perda da credibilidade e da confiança nas instituições é a questão-chave da modernidade, segundo Beck (2010), pois desintegra o modelo orientador da racionalidade e do controle. Nessa conjuntura de dúvidas e imprecisões, o contexto pandêmico traz ainda outra incerteza que está relacionada à natureza do próprio vírus - não se sabe direito sua origem, suas consequências e ainda não há uma cura ou prevenção definitiva para a doença.

A ciência, por outro lado, produz fatos e teorias sobre o mundo a partir da prática de examinar o reino do incerto. Quando, portanto, o *Saúde Sem Fake News* utiliza informações científicas ou quando usa um selo para confirmar que aquela notícia é falsa ele parte da incerteza própria do campo para garantir o reforço de autoridade científica (MACPHAIL, 2014). No entanto, apesar da estratégia da agência ser válida, apenas dizer para as pessoas que o conteúdo que estão consumindo é verdadeiro ou falso não é suficiente para quebrar as convicções e a escala de descrença nas afirmações biomédicas que já estão cristalizadas nas pessoas (WAISBORD, 2020).

Em suma, as duas checagens investigadas neste artigo perpassaram as três categorias da análise de discurso crítica de Van Dijk (2008). Em relação à transitividade, os conteúdos retomaram crenças e estereótipos que circulam no mundo através da experiência (chineses são retratados como “selvagens” ou “primitivos”); já em relação à modalização fica evidente o contraste entre o “nós” (ocidentais) e o “eles” (orientais) e o efeito visado pelo interlocutor de culpabilizar o povo chinês pelo vírus e, por fim, quanto à retoricidade podemos destacar o uso de frases afirmativas (preposicionais), de figuras de linguagem e de imagens para induzir a polaridade.

### As representações do povo chinês presentes na história e nas *fake news*

As *fake news* analisadas neste estudo, em geral, apresentam as seguintes características. Primeiro, equívoco de localidade, uma vez que as fotos contidas nas notícias não foram feitas na China, mas sim em outros países. Segundo, equívoco de tempo - a matéria de 29/01 checada pelo *Saúde sem Fake News*, que traz à tona a sopa de morcego, foi publicada inicialmente em 2016, quase quatro anos antes da Covid-19. Terceiro, generalização excessiva. Por exemplo, o consumo de sopa de morcego consiste em uma prática incomum, porém, a desinformação dá a entender que há uma generalização desse hábito na sociedade chinesa. Quarto, exagero em dados. Isso fica evidente na checagem do dia 29/01, quando a notícia falsa trouxe a informação exagerada de mais de 40 mil suspeitos na China, quando, na realidade, se tinha 31 mil.

Para se compreender melhor esse cenário, partimos da seguinte pergunta: por que existe propagação de rumor que associa a origem do novo coronavírus ao consumo de sopa de morcego pelos chineses? Como resposta, há que se falar dos estereótipos associados aos chineses na comunidade internacional e do fenômeno do consumo de animais silvestres na China.

Devido à grande distância geográfica entre o Brasil e a China e a muitas barreiras culturais e linguísticas entre as civilizações ocidental e oriental, o povo brasileiro, em geral, não conhece muito a China e o povo chinês. Assim, os estereótipos relacionados à China e aos chineses são facilmente formados na sociedade brasileira e, uma vez formados, é difícil rompê-los.

A produção de estereótipos em si é baseada em certos fatos. É válido ressaltar que o estereótipo de que os chineses comem animais selvagens, popularmente dito no Brasil e em outros países, possui sua base factual. Na literatura antiga e em documentos históricos, encontram-se muitos registros. Por exemplo, no Sul da China, quando Han Yu (韩愈 em chinês, 769-824) foi enviado para Chao Zhou, cidade no Sudeste do país, o escritor ficou espantado com os hábitos alimentares das pessoas locais. Num poema<sup>6</sup> ele citou dezenas de tipos de ingredientes, como caranguejo-ferradura, ostra e amêijoas, o que o deixou bem surpreso. Na dinastia Song (宋朝, 960-1279), Zhou Qufei (周去非, 1135-1189) resumiu que os habitantes de Guangxi comiam de tudo, seja pássaro, besta, cobra ou inseto.<sup>7</sup> No século XIII, Marco Polo (1254-1324) registrou o costume do povo chinês de consumir cão, no seu relato *As Viagens de Marco Polo*, além de destacar o “prato de cobra” (蛇饌). Zhu Yu (朱彧, ?-1148), da dinastia Song, anotou em seu livro que no grande Sul da China, comia-se cobra e vendia-se sopa de cobra na feira<sup>8</sup>. No século XIV, o viajante italiano Ordonic (1286-1331) ficou extremamente impressionado ao chegar Guangzhou, vendo os hábitos locais de comer cobras. Segundo ele, a cidade de Guangzhou possuía cobras maiores que em qualquer outro lugar do mundo, e ali inúmeras cobras foram capturadas e consumidas. A carne de cobra tornou-se tão popular que chegou até ao ponto de que se não a tivesse na mesa, convidado poderia pensar que não havia nada<sup>9</sup>.

No Norte da China, embora as pessoas tenham hábitos alimentares distintos das do Sul, também não deixam de consumir animais silvestres. “Pata de urso” (熊掌) e “feto de leopardo” (豹胎) são consideradas duas iguarias. O pensador chinês Mencius (孟子, 372-298 a.c.) metaforizou que preferia “Pata de urso” do que peixe, ao explicar seu pensamento filosófico. O poeta Cao Zhi (曹植, 192-232) também elogiou em poesia “Pata de urso” e “feto de leopardo”, assim como o escritor Yuan Mu (袁枚, 1716-1797) descreve os dois pratos como as comidas mais saborosas do mundo. O político Yu Jideng (余继登, 1544-1600) registrou outros animais selvagens que os chineses do Norte consumiam – segundo ele, depois da chegada do inverno, o imperador premiava os generais e soldados antílopes com faisões-comuns, javalis e cervos.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> Em original “初南食貽元十八协律”.

<sup>7</sup> Em original “深广及溪峒人，不问鸟兽蛇虫，无不食之”，de 岭外代答.

<sup>8</sup> Em original “广南食蛇，市中鬻蛇羹”，de 萍洲可谈.

<sup>9</sup> PENGPAI NEWS. Disponível em <https://bit.ly/2Eksdji>. Acesso em: 23 ago. 2020.

<sup>10</sup> Em original “冬至后，殿前将军甲士赐黄羊、野难、野猪、鹿脯”，de 典故纪闻. SHANGHAI OBSERVER. Disponível em: <https://bit.ly/32i3ELO>. Acesso em: 23 ago. 2020.

O hábito chinês de comer animais selvagens continua até hoje. Uma pesquisa de 2003 sobre o comportamento de consumo de animais selvagens pelos chineses aponta que muitos tipos de bichos são consumidos na China, tais como macaco, antílope tibetano, pavão, urso, camelo, avestruz, veado, pangolim, tartaruga, crocodilo, lobo mongol, coruja, gato, rã, pombo, etc. (GUO, 2003). Depois da pandemia da Covid-19, foi revelada na internet uma foto da tabela de preço dos animais selvagens vendidos numa loja no mercado atacadista de frutos do mar em Wuhan, lugar em que supõe terem acontecido as primeiras infecções de coronavírus em humanos. De acordo com a imagem, seriam 42 ingredientes oriundos de animais selvagens como rato de bambu chinês, paguma larvata, raposa, coala, pavão, ganso e cobra, entre outros.

Figura 3 - Animais silvestres vendidos no Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Wuhan.

大众畜牧野味													
品名	价格	品名	价格	品名	价格	品名	价格	品名	价格	品名	价格		
活孔雀	500/只	活鸭豚		活蝎子	500	狐狸肉	45	活豚鼠	40	鹿	38	鳄鱼尾	45
孔雀肉	350/斤	活珍珠鸡		活蜗牛	15	活狼仔	75	活荷兰猪	40	鹿血	100/斤	鳄鱼掌	60
活大雁	120	活贵妃鸡		蜗牛肉	30	狼仔肉	20/斤	活藏香猪	30	鹿筋	100	鳄鱼肚	30
大雁肉	15	鸭	15/斤	蜂	150	活果子狸	130	活豪猪	45	干鹿筋	150	鳄鱼脚	30
去骨大雁肉	15	土鸽	18/斤	蚕	15	果子狸肉	70	活湘猪	30	鹿茸	1500	鳄鱼舌	35
活火鸡	28	活白鹅		木虫		活刺豚	18	香猪肉	25	鹿里脊	50	鳄鱼眼	30
活斗鸡	500/斤	香椿鸟	15/斤	竹虫	75	刺猬肉	8/斤	牦牛肉	30	袋装鹿肉	30	活鳄鱼	25
活野鸡	60	活鸵鸟	4000/斤	活竹鼠	85	活狗狸	25	牦牛掌	45	鹿鞭	100/斤	活山龟	90
野鸡肉	35/斤	鸵鸟肉	45	竹鼠肉	75	活猪狸	28	骆驼肉	30	鹿排	38	活响尾蛇	55
斑鸠	18/斤	鸵鸟掌	80	活麝香鼠		花猪肉	25	骆驼掌	45	活鹿子	55	活水貂	500/斤
竹鸡	15/斤	鸵鸟肾	45	活青根猴	60	活石野猪	30	骆驼峰	20	鹿子肉	40	活树蛙	70
戴鸡	9/斤	鸵鸟蛋	150/斤	活海狸鼠	30	狗子肉	25	活梅花鹿	50	娃娃鱼	60/斤	活响尾蛇	60
线鸡		野山羊	40/斤	袋鼠肉		活野猪肉	15	小活鹿	600/斤	娃娃鱼	65	活响尾蛇	60
育秧鸟	5/斤	毛野兔	25	松鼠肉		野猪肚	120	鹿白条	35	活鳄鱼	40	大蛇羹肉	40
猴	5/斤	金鲤	70	活狐狸	500/斤	活野猪肉	26	鹿腿	40	鳄鱼肉	40	活海蛇	220

Fonte: BJ News (2020)<sup>11</sup>

Por que o povo chinês tem hábito de comer animais silvestres? Preliminarmente, é importante ressaltar que nos tempos antigos, em alguns lugares da China, a produção era escassa e as condições de vida eram difíceis, sendo assim necessário compensar a falta de ingestão de proteínas com os animais selvagens. Su Shi (苏轼, 1031- 1101), por exemplo, descreveu o hábito de comer morcegos dos habitantes daquela época da ilha de Hainan e fez uma nota final explanando a escassez de carne na região<sup>12</sup>.

A medicina tradicional chinesa, além disso, também explora os fatores terapêuticos dos animais selvagens - bile de cobra e chifres de veado veludo e de antílope são todos materiais da medicina chinesa. Morcego também possui valores curativos, tal como mostra um manuscrito

<sup>11</sup> BJ NEWS. Disponível em: <https://bit.ly/3lg6ucQ>. Acesso em: 18 jul. 2020.

<sup>12</sup> Em original “澹耳(在今海南岛)至难得肉”, nota final do poema 闻子由瘦, que indica o consumo de morcegos no verso “土人顿顿食诸芋, 存以熏鼠烧蝙蝠”.

importante da medicina chinesa, atualmente guardado na França, que aponta que morcego pode ser utilizado no tratamento de surdez<sup>13</sup>.

Nos tempos contemporâneos, as razões pelas quais os chineses comem animais silvestres são um pouco diferentes. Geralmente, os chineses que consomem esse tipo de iguaria têm uma concepção ordinária de que “coisas raras são mais valorosas” (物以稀为贵). Muitos pensam que a carne desse tipo de animal é mais nutritiva, boa para a saúde e sem poluição e, portanto, os perseguem a um preço alto, o que incentiva uma elevada demanda por esses bichos na China.

Embora a prática de comer animais selvagens tenha uma longa história, é irracional e inapropriado conduzir ataques racistas aos chineses ou demonizar o povo em razão disso. Em todo o mundo – e não apenas na China – existem pessoas que ingerem animais silvestres. Há, por exemplo, estudos que apontam a existência de práticas de consumo de pacas, catetos e capivaras em algumas áreas do Brasil (RIBEIRO et al., 2016; CAJAIBA et al., 2015). E animais selvagens estão longe de ser comida cotidiana mesmo na China. O Departamento de Proteção da Administração Florestal Estadual (国家林业局保护司) e a Associação de Conservação de Animais Selvagens da China (中国野生动物保护协会) realizaram uma pesquisa sobre a “situação do consumo de animais selvagens” em algumas cidades do país e mostraram que apenas 2,81% das pessoas disseram consumir animais selvagens<sup>14</sup>.

A opinião pública na China sempre se opôs a esse tipo de prática e críticas dessas ações nunca cessaram. Após o surto de coronavírus, os tópicos acerca da rejeição do consumo de animais silvestres registraram oitenta milhões de visualizações<sup>15</sup>. Em 2020, quando o surto de Covid-19 provocou uma discussão veemente quanto aos hábitos alimentares dos chineses, o governo decidiu aprimorar e completar a legislação desse ramo de forma definitiva, no afã de proibir a comercialização desses bichos e eliminar os maus hábitos do povo de consumir carnes silvestres<sup>16</sup>.

Nessa pandemia da Covid-19, quando se associa a suspeita do morcego como a origem do novo coronavírus e a China como o primeiro país onde surgiu o vírus, os estereótipos de que os chineses comem animais selvagens foram levados ao clímax. Com base nesses estereótipos, *fake news* foram criadas e a divulgação delas, por sua vez, consolidaram os estereótipos existentes na esfera social, formando assim um ciclo vicioso.

Assim, o estereótipo constrói um grupo ou indivíduos como "o outro". Essa alteridade é produzida por meio de uma estratégia paradoxal. Por outro lado, diz-se que a pessoa ou grupo

<sup>13</sup> Em original “天鼠煎膏巧疗耳聋”, de 五藏论.

<sup>14</sup> ACADEMIA CHINESA DE CIÊNCIAS. Disponível em: <https://bit.ly/2Ytb1yZ>. Acesso em: 18 jul. 2020.

<sup>15</sup> YICAI NET. Disponível em: <https://bit.ly/2Er8RZw>. Acesso em: 18 jul. 2020.

<sup>16</sup> XINHUA NET. Disponível em: <https://bit.ly/2Ql4gux>. Acesso em: 18 jul. 2020.

vítima de estereotipação é essencialmente “outro”, sem admitir a possibilidade de mudança ou diferenciação. Ao mesmo tempo, porém, a construção do outro como algo identificável deve ser sempre repetida. Para Homi Bhabha (1998), o problema é que essa repetição não apenas garante que as pessoas percebam o grupo ou indivíduo estereotipado de uma determinada maneira. A repetição também questiona essa mesma fixidez que o repetir se propõe a garantir. Isso ocorre porque a repetição implica que a construção estereotipada das outras afirmações não pode ser comprovada de uma vez por todas. Em vez disso, deve ser repetida indefinidamente.

Nesta era de explosão de informações, desinformações são amplamente divulgadas nas redes sociais, têm um enorme impacto social e podem até, em certa medida, substituir o lugar da verdade. O esclarecimento das *fake news* é muito menos interessante do que elas próprias e, portanto, a disseminação da checagem costuma ser muitíssimo mais limitada. Essa diferença na propagação dificulta a eliminação desse tipo de conteúdo na sociedade e, por isso, os seus efeitos negativos persistem. Especialmente notícias falsas baseadas em estereótipos, uma vez que ocorra um incidente semelhante, elas e seus efeitos negativos serão revividos. As *fake news*, repetidas, junto com as alegações dos políticos, reforçam a fixação estratégica.

### Considerações finais

A discriminação de indivíduos de diferentes origens ou raças destaca o conceito de alteridade em suas implicações na promoção de estereótipos. Em tempos de crise, é comum que os indivíduos se vejam como pertencendo a grupos vagos. Como já observamos em outro trabalho (SACRAMENTO; BASTOS, 2015), diante das crises deflagradas pelo ebola, houve processos de racialização da doença, do perigo e da ameaça, localizando a questão no continente africano e responsabilizando os negros africanos, particularmente, pela disseminação do vírus no mundo. Isso, por sua vez, cria identidades para grupos que merecem apoio em comparação com outros grupos que não se enquadram na imagem de interesse público.

Com rotulagem e estigmatização direcionada, um senso crescente de nós (grupo sem vírus, inocentes) versus eles (aqueles que provavelmente têm o vírus com base em sua aparência ou conduta alimentar, culpados) se desenvolve. A ideia do “vírus chinês” é muito presente nas *fake news* e ela se dá pela caracterização de um primitivismo ou selvageria a determinados hábitos alimentares, mas também por um forte sentimento anticomunista. As notícias falsas, desse modo, se somam às declarações de políticos brasileiros sobre o “perigo vermelho” e entram numa corrente discursiva de circularidade representacional sobre a China: menos do que um “povo maluco” ou atrasado, poderia estar usando a pandemia como forma de conquista mundial, do ponto de vista econômico, político e ideológico.

Embora haja razões políticas para descrever o vírus como chinês, essa prática também faz parte de uma longa história de associação de doenças a certos países, uma tradição que levou à discriminação étnica e racial, substituindo os esforços limitados para lidar com crises de saúde

de maneira eficaz pela estereotipia. Assim, a repetição da ideia do vírus chinês, por um lado, localiza a responsabilidade pela pandemia num país e seu povo por seus hábitos de alimentação e higiene, mas, por outro, expande a sensação de ameaça do comunismo e se beneficia disso como forma de manutenção do vínculo ideológico dos apoiadores de governos ultraconservadores, como os de Bolsonaro e Trump.

## Referências

ALBUQUERQUE, Afonso de; QUINAN, Rodrigo. Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anticiência do canal “professor terra plana”. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 3, dez. 2019, p. 83-104.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BECK, Ulrich. **Sociedade do risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2010.

CAJAIBA, Reinaldo Lucas; SILVA, Wully Barreto da; PIOVESAN, Paulo Ricardo R. Animais silvestres utilizados como recurso alimentar em assentamentos rurais no município de Uruará, Pará, Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 34, ago. 2015, p. 157-168.

DYER, Richard. **The matter of images: essays on representation**. Londres: Routledge, 1993.

GARCIA, Marcelo. **Disseram por aí: deu zika na rede! Boatos e produção de sentidos sobre a epidemia de zika e microcefalia nas redes sociais**. 2017. 237 f. Dissertação (Mestrado em Informação Científica e Tecnológica em Saúde), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil, 2017.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GUO, Xiduo (郭锡铎). 野味的消费行为及其对人体的危害. **肉类研究**, (A prática de consumo de animais selvagens e os seus danos ao corpo humano). *Estudo de Carne*, v.17, n.3, 2003

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-Rio, 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SOUZA, Thomaz Tadeu de (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MACPHAIL, Theresa. The Predictable Unpredictability of Viruses and the Concept of “Strategic Uncertainty”. In: MACPHAIL, Theresa. **The Viral Network: a pathography of the H1N1 influenza pandemic**. Ithaca, New York, The United States: Cornell University Press, 2014, p. 132-151.

MASON, Katherine M. H1N1 is not a Chinese virus: the racialization of people and viruses in post-SARS China. **Studies in Comparative International Development**, v. 50, 2015, p. 500-518.

MONARI, Ana Carolina Pontalti; BERTOLLI FILHO, Claudio. Saúde sem Fake News: estudo e caracterização das informações falsas divulgadas no Canal de Informação e Checagem de Fake News do Ministério da Saúde. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 13, n. 1, 2019, p. 160-186.

PENNYCOOK, Gordon; RAND, David G. Fighting Misinformation on Social Media Using Crowdsourced Judgments of News Source Quality. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3118471>. Acesso em: 23 ago. 2020.

PICKERING, Michael. **Stereotyping: politics of representation**. Londres: Palgrave Macmillan, 2001.

RIBEIRO, Vânia Maria França; CARVALHO, Yuri Karaccas de; PERUQUETTI, Rui Carlos; MEDEIROS, Luciana dos Santos; FREITAS, Henrique Jorge de. Consumo e comercialização de carnes silvestres: potencial econômico para a Amazônia Ocidental. **Journal of Amazon Health Science**, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/31mqT88>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ROBERTO, Katherine J.; JOHNSON, Andrew F.; RAUHAUS, Beth M. Stigmatization and prejudice during the COVID-19 pandemic. **Administrative Theory & Praxis**, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3j9Zixb>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ROSELLO, Marine. **Declining the stereotype: ethnicity and representation in French cultures**. Hanover: University Press of New England, 1998.

SACRAMENTO, Igor; MACHADO, Izamara Bastos. A imigração como risco para a saúde: uma análise das representações do imigrante africano na cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre o ébola. **Comunicação & Sociedade**, n. 28, 2015, p. 25-47.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **MATRIZES**, v. 14, n. 1, jan-abri. 2020, p. 79-106.

SILVA, Sandra. **Teorias da conspiração: Sedução e Resistência a partir da Literacia Midiática**. 2010. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2010.

SAÚDE SEM FAKE NEWS. **Dados sobre coronavírus não divulgados e os hábitos alimentares chineses.** Disponível em: <https://bit.ly/3aP2Hi2>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SAÚDE SEM FAKE NEWS. **Sopa de morcego.** Disponível em: <https://bit.ly/3lcMisr>. Acesso em: 12 ago. 2020.

VAN DIJK, Teun. **Discurso e poder.** São Paulo: Editora Contexto, 2008.

WAISBORD, Silvio. Truth is what happens to news: on journalism, fake news, and post-truth. **Journalism Studies**, v. 9 n. 13, p. 1866-1878, 2018.

WAISBORD, Silvio. Fake health news in the new regime of truth and (mis)information. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 14, n. 1, p. 6-11, jan-mar. 2020.

---

<sup>a</sup>Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professor dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, da UFRJ, e em Informação e Comunicação em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1509-4778>. E-mail: [igorsacramento@gmail.com](mailto:igorsacramento@gmail.com).

<sup>b</sup> Doutoranda em Informação e Comunicação em Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Jornalista e mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Bolsista de doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7474-7903>. E-mail: [capmonari@gmail.com](mailto:capmonari@gmail.com).

<sup>c</sup> Pesquisador chinês e tradutor mandarim-português. Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com estudos voltados para imagem e representação cultural da China no Brasil, orientado pelo Prof. Dr. Igor Sacramento. Graduado em Língua e Cultura portuguesa pela Universidade de Estudos Internacionais de Xi'an (西安外国语大学), China.

### **Conflito de interesses**

Não há conflito de interesses.